

A agonia da Varig

JORNAL DO BRASIL

16 JUN 2006



José Sarney,
membro da
Academia
Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

ASSIS CHATEAUBRIAND, QUANDO ADVERTIDO por João Calmon, superintendente dos Diários Associados, de que a situação do *O Jornal*, que então circulava no Rio, era crítica, respondeu: "Não se desespere, Calmon, jornal não morre de enfarte e a doença que o mata leva, no mínimo, dez anos."

Com as companhias de aviação o tempo é bem maior. A fascinação da nossa geração foi a aventura de voar, romper distâncias entre nuvens e ventos. Era como, hoje, as novas técnicas de comunicação, a TV digital, os satélites e os iPods.

Lembro-me bem de um texto de Da Vinci no qual ele profetizava que era nas grandes altitudes que os ventos tinham alta velocidade. Com o avanço da ciência constatou-se que ele tinha

razão. É lá que habitam as grandes ventanias e não ao rés-do-chão. Ele se preocupou com o vôo e tentou inventar máquinas de voar. Vi encantado, no Vale do Loire, na casa em que Francisco 1º lhe deu, belos modelos dessa sua obsessão.

As pessoas, os objetos, os sonhos e as empresas morrem e é com nostalgia que assisto aos estertores das asas abertas por Berta

Recordo sem apagar com os anos o espanto com que vi pela primeira vez um avião. Tinha oito anos e foi na cidade de Balsas. Toda a cidade foi para o

campo de pouso olhando, como disse Aristides Lobo da República, bestificado, o pássaro descido do céu e com gente dentro. Todos os meninos do meu tempo queriam ser aviadores. Era o fascínio de voar e ao descer as moças suspirarem com nossa coragem. Moço, no ginásio, eram os hidroaviões da Nirba Lines (?), a deslizarem em frente à cidade de São Luís e pararem no ancoradouro no meio do rio Anil. Depois, minhas primeiras viagens aéreas. Já então a Varig era o máximo. Marca de conforto e segurança. Por acaso estava em Paris, com uma passagem da Panair, quando esta perdeu suas linhas do exterior e a Varig passou a substituí-la. Morria a Panair, como morreu a Panam, americana, gigantes e ícones dos tempos heróicos da aviação comercial.

Rubem Berta, o fundador da Varig,

com as coragens e as audácias de pioneiro, convidou-me para o primeiro vôo da Varig para Tóquio. Ele dizia-me que, com esta linha, a companhia dava a volta ao mundo. Morreu antes que isso acontecesse.

Vejo agora a agonia da Varig. Lembro-me do seu charme e do seu esplendor naqueles anos. A beleza dos Constellations, dos Douglas DC-4, 5, 6, 7C. A novidade do Caravelle e depois dos jatos modernos. Como as pessoas, os objetos, os sonhos e as empresas morrem. É com nostalgia que assisto aos estertores das asas abertas por Berta. Pagam o preço do seu pioneirismo e do tempo. Quanto tempo levam as empresas aéreas para morrer? Sem dúvida mais do que os jornais. Que bom se ela se salvasse.

Mas, Varig, Varig, Varig!